

A FOTOGRAFIA NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS, PRÁTICA PEDAGÓGICA: “O QUE SE PASSA EM MINHA CABEÇA?”

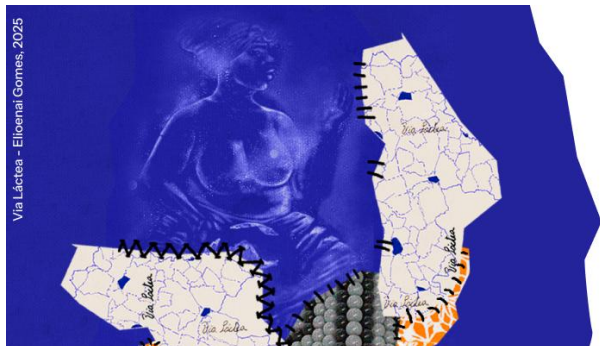
Sandra Falcão Reis - UNB/ Profartes

O presente trabalho apresenta uma proposta pedagógica artística e interdisciplinar desenvolvida com crianças do 1º ano do Ensino Fundamental I da Escola Parque 303/304 Norte, bem como, com universitários do curso de Pedagogia e mestrandos do curso Profartes da Universidade de Brasília (UnB), com o objetivo de explorar a fotografia como linguagem artística e instrumento de expressão subjetiva. A prática, intitulada “O que se passa em minha cabeça?”, buscou promover o autoconhecimento, a escuta sensível e a valorização da identidade por meio da arte.

Partindo da fotografia como ponto de partida, cada participante foi fotografado frontalmente e teve sua imagem impressa em papel. A proposta seguinte envolveu um recorte no centro da testa da fotografia e a colagem dessa imagem sobre outra folha de papel, formando uma espécie de aba tridimensional que, ao ser aberta, revelava o que está “dentro da cabeça” de cada um: desenhos, palavras, poesias ou símbolos que representavam seus pensamentos ou sentimentos naquele momento.

De acordo com Ana Mae Barbosa (2005), a arte deve ser compreendida como um espaço privilegiado de expressão e subjetividade. A criança, ao desenhar, escrever ou se ver sobre sua própria imagem, encontra na linguagem artística a possibilidade de revelar conteúdos internos, promovendo sua autoestima e o reconhecimento de sua identidade.

O uso da fotografia, nesse sentido, permite ir além da simples reprodução



da realidade. Como afirma Susan Sontag (2004), a fotografia é uma forma de linguagem visual capaz de comunicar aspectos invisíveis da experiência humana. No contexto educacional, esse potencial comunicativo se alia à dimensão poética da infância, permitindo que a arte funcione como ponte entre o mundo interno do sujeito e sua manifestação externa.

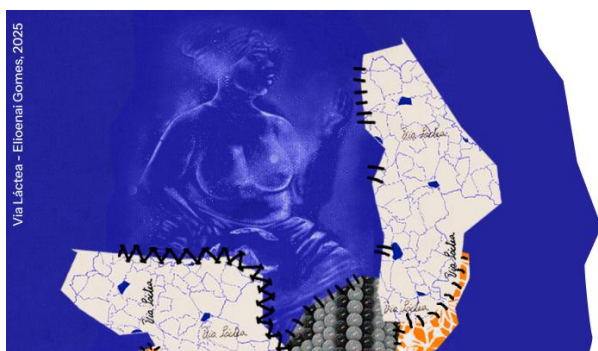
A prática foi aplicada, em um grupo de professores de artes e também de estudantes de pedagogia destacando a importância da formação docente voltada para a sensibilidade e a escuta da criança. Os relatos dos universitários demonstraram que, ao vivenciarem a proposta como participantes, puderam compreender de forma mais profunda a potência da arte como meio de acolhimento e mediação pedagógica.

Dessa forma, este trabalho busca relatar, refletir e defender a importância da fotografia como dispositivo educativo, artístico e afetivo no ambiente escolar, especialmente nos anos iniciais da Educação Básica. Objetivando:

- Desenvolver atividades que articulem fotografia, colagem, desenho e escrita como formas de expressão artística;
- Estimular o protagonismo e a autonomia das crianças na construção de suas narrativas visuais;
- Refletir com futuros professores sobre práticas pedagógicas que valorizem a escuta e a subjetividade da criança;
- Explorar o uso da imagem como linguagem de mediação e acolhimento no ambiente escolar.

O trabalho iniciou-se com o registro fotográfico dos participantes, seguido da impressão das imagens em papel A4. Cada fotografia foi colada sobre uma nova folha, e, com o auxílio e orientação da professora, foi feito um recorte na região central da testa da imagem.

A partir dessa intervenção manual/visual, criou-se uma abertura



tridimensional na fotografia. Ao levantar a aba, o espaço interno era utilizado para desenhar, escrever ou colar palavras, imagens ou poesias que representassem o que cada participante estava pensando ou sentindo naquele momento presente. O exercício busca dialogar com a pergunta: “O que se passa em minha cabeça?” ou ainda “Adivinha o que estou pensando?”, funcionando também como sugestão de título alternativo à prática. A experiência reforça que o ensino de Artes Visuais pode (e deve) ir além da técnica, constituindo-se como espaço de liberdade, escuta e subjetividade. O gesto de “abrir a cabeça” simbolicamente revelou emoções, sonhos e pensamentos invisíveis, tornando-os visíveis e compartilháveis no ambiente educativo.

Essa prática, ao unir imagem e texto, favoreceu a reflexão sobre o eu, sobre os sentimentos e sobre a própria identidade. As crianças demonstraram entusiasmo ao se verem nas fotografias e ao poderem usar essa imagem como suporte para se expressarem artisticamente. A atividade foi conduzida de forma coletiva, respeitando o tempo e a individualidade de cada um.



Para garantir o respeito ao direito de imagem dos participantes, Intervenção digital realizada para ocultar os olhos, preservando sua identidade, foi elaborado e entregue aos responsáveis legais o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme determina a

Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, para a exposição das atividades.

A proposta “O que se passa em minha cabeça?” consolidou-se como uma prática potente para o ensino de Artes Visuais, integrando fotografia, colagem, desenho e escrita como linguagens complementares no processo de expressão de sentimentos e ideias.

A fotografia, mais do que um recurso técnico, se revelou uma ferramenta afetiva, capaz de ampliar o olhar sobre si e sobre o outro, favorecendo a autoestima, o autoconhecimento e a construção da identidade. Ao compartilhar essa prática com futuros professores, contribui-se também para a formação de educadores sensíveis às dimensões poéticas e subjetivas da infância. Assim, esta experiência articula teoria e prática, sentimento e técnica artística, propondo caminhos possíveis para a educação sensível e humanizadora que a escola merece construir e fortalecer.

Fonte: a autora